



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

NAYARA LIMA DE SOUZA

**ASSÉDIO NA UNIVERSIDADE: COM A PALAVRA, ESTUDANTES DE
EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

**CAMPINA GRANDE
2023**

NAYARA LIMA DE SOUZA

**ASSÉDIO NA UNIVERSIDADE: COM A PALAVRA, ESTUDANTES DE
EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Área de concentração: Estudos Sócio-Culturais em Educação Física.

Orientadora: Profa. Dr^a Mirian Werba Saldanha

**CAMPINA GRANDE
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S729a Souza, Nayara Lima de.
Assédio na universidade [manuscrito] : com a palavra, estudantes de Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba / Nayara Lima de Souza. - 2023.
23 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Mirian Werba Saldanha , Coordenação do Curso de Bacharelado em Educação Física - CCBS. "

1. Ensino superior. 2. Assédio moral. 3. Assédio sexual. 4. Violência interpessoal. I. Título

21. ed. CDD 158.2

NAYARA LIMA DE SOUZA

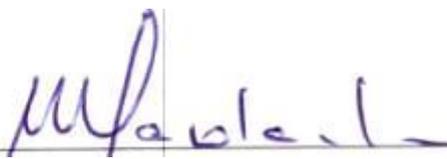
ASSÉDIO NA UNIVERSIDADE: COM A PALAVRA, ESTUDANTES DE
EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do Curso
de Educação Física da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de Bacharel
em Educação Física.

Área de concentração: Estudos Sócio-
Culturais em Educação Física.

Aprovada em: 25/06/2023

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Mirian Werba Saldanha (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Esp. Morgana Guedes Bezerra
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Elaine Melo de Brito Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	05
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	07
2.1	Natureza do assédio: tipos e características	07
2.2	Grupos de vulnerabilidade: ser mulher, negra e/ou LGBTQIAPN+ é risco para o assédio?	08
2.3	A urgência do debate sobre o assédio no Ensino Superior	10
3	MATERIAL E MÉTODOS	11
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	11
4.1	Mapa sociodemográfico do assédio no DEF/UEPB	11
4.2	Características do assédio em estudantes do DEF/UEPB.....	15
4.3	Vozes dos corpos assediados	18
4.4	Sugestões da comunidade acadêmica estudantil para o combate ao assédio	19
5	CONCLUSÃO	20
	REFERÊNCIAS.....	20

ASSÉDIO NA UNIVERSIDADE: COM A PALAVRA, ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

HARASSMENT AT THE UNIVERSITY: WITH THE WORD, PHYSICAL EDUCATION STUDENTS AT UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Nayara Lima de Souza¹
Mirian Werba Saldanha²

RESUMO

A educação superior prepara o indivíduo para assumir espaços importantes na sociedade, desse modo, a formação e qualificação para o trabalho devem estar alinhadas com comportamentos éticos, morais e humanitários. Objetivou-se com o estudo descrever a prevalência da violência interpessoal, relacionado ao assédio, em estudantes do Departamento de Educação Física, da Universidade Estadual da Paraíba. A pesquisa foi do tipo descritiva, exploratória, de corte transversal, com abordagem quali-quantitativa. Foi realizada no Departamento de Educação Física da UEPB, localizado no Campus I, em Campina Grande, PB. A amostra foi composta por estudantes de graduação dos Cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física. O instrumento utilizado foi o questionário, autoadministrado, enviado através do Formulário do Google Forms, contendo uma versão com base no estudo realizado por Rosa, et al, (2020). Os dados foram analisados no SPSS, versão 29.0 através da estatística descritiva e análise das questões discursivas. Os resultados mostram a presença de práticas de assédio em estudantes, sendo o assédio moral o mais prevalente, embora os outros tipos tenham sido citados. Efeitos à saúde e ao desenvolvimento das atividades acadêmicas foram relatados, assim como mudanças de comportamento são apontadas como consequências do assédio sofrido. Houve diferenciação dos locais apontados como mais vulneráveis, sendo a sala de aula espaço mais citado. Chamou a atenção para a vulnerabilidade de gênero e os motivadores para, na totalidade, não realizar o registro da denúncia, levando a uma subnotificação dos casos. Concluiu-se que o assédio moral e o assédio sexual são as formas de violência interpessoal mais experienciadas pelos estudantes do DEF/UEPB, o que remete à necessidade urgente de medidas efetivas para combater o assédio e acolher as vítimas em um ambiente seguro, com respeito e dignidade humana.

PALAVRAS-CHAVE: ensino superior; assédio moral; assédio sexual; violência interpessoal.

¹ Nayara Lima de Souza, Graduanda em Educação Física pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB
Email: nayara-limas@hotmail.com

² Mirian Werba Saldanha, Professora do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Email: Mirianwerba@servidor.uepb.edu.br

ABSTRACT

Higher education prepares the individual to assume important roles in society, therefore, training and qualification for work must be aligned with ethical, moral and humanitarian behaviors. The objective of the study was to describe the prevalence of interpersonal violence, related to harassment, in students of the Physical Education Department of the State University of Paraíba. The research is descriptive, exploratory, cross-sectional, with a quali-quantitative approach. It was held at the Department of Physical Education at UEPB, located on Campus I, in Campina Grande, PB. The sample was composed of undergraduate students from the Degree and Bachelor's Degree in Physical Education. The instrument used was the questionnaire, self-administered, sent through the Google Forms, containing a version based on the study carried out by Rosa et al, (2020). Data were analyzed through descriptive statistics and analysis of discursive questions. The results show the presence of harassment practices among students, with Moral Harassment being the most prevalent, although other types have been cited. Effects on health and on the development of academic activities were reported, as well as changes in behavior are pointed out as consequences of the harassment suffered. There was differentiation of the places identified as more vulnerable, with the classroom being the most mentioned. He drew attention to gender vulnerability and the reasons behind underreporting of cases. It was concluded that moral harassment and sexual harassment are the forms of interpersonal violence most experienced by DEF/UEPB students, which points to the urgent need for effective measures to combat harassment and welcome victims in a safe environment, with respect and human dignity.

Keywords: university education; moral harassment; sexual harassment; Interpersonal violence.

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, o assédio na universidade ainda é pouco discutido. Quem foi assediado quase nunca fala sobre o que passou. Quem é assediador quase nunca reconhece a dimensão dos seus atos. As instituições que são cenários de assédio, quase nunca se apresentam, mas o assédio existe nesses espaços e não deve passar despercebido, sobretudo porque além da responsabilidade com a formação e a capacitação para o trabalho, as Instituições de Ensino Superior -IES, têm papel significativo na formação de cidadãos, e não devem naturalizar comportamentos que atentam contra à dignidade humana.

O assédio na universidade pode se manifestar de diferentes formas, e o agressor pode ser superior, subordinado, ou do mesmo nível hierárquico que o agredido. Assim como, os demais tipos de violência, a prevalência e a relevância social do assédio é estreitamente relacionada ao contexto sociocultural onde ele ocorre, Minayo (2006, p.1), conceitua a violência enquanto “um fenômeno biopsicossocial que tem como espaço de criação e desenvolvimento a vida em sociedade e as relações interpessoais”. Desse modo, ao se analisar o assédio nas Instituições de Ensino Superior é preciso saber que este é um fenômeno resultante das interações sociais e culturais e que há depender do contexto tais comportamentos podem ser aceitáveis ou não e é por isso que o assédio se torna, em muitos casos, difícil de ser identificado.

Considerando o caráter multifacetado do assédio e seus variados espaços de criação, vale destacar que, ainda que as ações violentas sangrentas, ganhem destaques e despertem mais investigações, ações violentas não sangrentas, como o assédio, também precisam ser investigadas e combatidas e, sobretudo terem qualificadas e quantificadas as suas causas e consequências. Para tanto, está em evidência nesta discussão, a violência interpessoal na perspectiva do assédio no âmbito do Ensino Superior.

Cecílio, et.al (2012), descrevem a violência interpessoal como as situações relacionais em que há o emprego de ato violento intencional, na forma de força física, ameaça ou poder, sendo assim, o assédio, ainda que seja mais discutido nas relações de trabalho não se restringe a estes espaços, estando evidente também nas instituições de ensino.

Para se ter uma ideia, Garcia, F. et.al (2016), evidenciaram que 93,3% dos entrevistados, em estudo desenvolvido na UFRJ, afirmaram a existência de casos de assédio. Já a Agência de notícias The Intercept Brasil, apresentou em 2019, um levantamento feito a partir de 2008, onde mostra que mais de 550 mulheres foram vítimas de violência dentro das universidades, segundo o estudo, esses casos aconteceram em 122 instituições, sendo 34 delas privadas e 88 públicas.

Rosa, et, al (2020) apontam em estudo sobre Assédio Sexual e Assédio Moral na UFRGS que 42,6% dos docentes e 38,63% dos discentes sofreram Assédio Moral na instituição e 10,4% dos docentes e 11,8% dos discentes sofreram Assédio Sexual, chamando a atenção para a vulnerabilidade de gênero relacionado ao assédio, onde as mulheres aparecem em maior vitimização para o assédio em detrimento dos homens. Corroborando a isso, Haile, V. (2021) destaca a responsabilidade das (IES), como sendo espaços de ensino que possuem responsabilidade para além da transmissão de conteúdos técnicos, mas também espaço de formação ética, sendo assim, é necessário que haja estímulos de transformação cultural, de igualdade de gênero e respeito incondicional as diferenças e a dignidade humana, sobretudo o repúdio à violência.

No que tange aos casos de assédio dentro do Ensino Superior, as implicações na vida acadêmica das vítimas são percebidas pelo medo de sofrer violência dentro da Universidade ou quando deixam de fazer alguma atividade por medo de sofrer violência. Ou seja, a urgência desse debate se estrutura na condição de que o lugar que deve favorecer o pleno desenvolvimento humano e das habilidades técnicas dos indivíduos, está sendo utilizado como facilitador para as reproduções de comportamentos sociais destrutivos.

A partir dos argumentos supracitados, o objetivo geral da pesquisa foi descrever a prevalência da violência interpessoal, relacionado ao assédio, em estudantes, do Departamento de Educação Física, da Universidade Estadual da Paraíba (DEF/UEPB) e, objetivos específicos: Identificar a ocorrência de assédio sua natureza e características em estudantes do DEF; Verificar a ocorrência da vulnerabilidade de gênero e raça para o Assédio no DEF; Relatar as implicações do assédio para a vida acadêmica de estudantes do DEF; e Mapear fatores que determinam a (não) denúncia no âmbito institucional;

Esse estudo foi pioneiro no Departamento de Educação Física da UEPB, e de extrema importância, uma vez que, demarcou a documentação estatística dos conflitos resultantes da violência interpessoal relacionada ao assédio em estudantes dentro do Departamento. O estudo revela a existência da prática de vários tipos de assédio e a dinâmica dessa violência contra estudantes no DEF/UEPB e evidencia a necessidade de ações institucionais de combate ao assédio e acolhimento das

vítimas, bem como , abre possibilidades para novos estudos sócio-culturais relativos ao assédio dentro do Departamento de Educação Física e demais centros acadêmicos da instituição.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Natureza do assédio: tipos e características

Para compreender o mecanismo do assédio , é preciso saber: qual o tipo de assédio, em qual cenário se desenvolveu a ação e o perfil dos agentes envolvidos. Para tanto, o dicionário Houaiss define o assédio de maneira ampla, como: “ insistência impertinente, perseguição, sugestão ou pretensão constantes em relação a alguém”, no entanto, o fenômeno do assédio se revela de diversas formas e apresenta subclassificações e características próprias de seu contexto de criação e desenvolvimento.

Bezerra (2018) traz as seguintes Classificações para o assédio: Assédio Vertical Descendente e Ascendente, sendo o primeiro quando há uma posição hierárquica estabelecida, onde o superior utiliza de suas prerrogativas para agir de forma abusiva contra o subordinado e o segundo, quando o agressor está em posição hierarquicamente inferior e age de forma abusiva contra o superior. Já o Assédio Horizontal é classificado como a ação abusiva praticada por indivíduos que estão em mesmo nível hierárquico, inexistindo relação de subordinação. Para tanto, o autor destaca que as causas para a prática de Assédio Horizontal, podem ser: intolerância religiosa, política, homofobia, busca de uma promoção, dentre outros.

Sá, et.al. (2017, p.3), classificam o Assédio Sexual como , “comportamentos de caráter sexual que podem ser de forma verbal , não verbal e física , também com o propósito de constranger a vítima , de perturbar com fundamento e finalidade sexual”. O Assédio Sexual é visto no dia a dia nas interações sociais, às vezes sob o pretexto de “brincadeira” às vezes sob o pretexto de “cantada”, ou ainda, declaradamente na forma de ataques hostis e violentos contra o corpo e a dignidade sexual do outro. Quando isso acontece, configura atentados contra a liberdade sexual, um dos bens jurídicos que resguardam a dignidade humana e se faz necessário para a preservação da integridade e pleno desenvolvimento do indivíduo.

Para tutelar o direito a liberdade sexual a Lei nº 10.224 introduziu no Código Penal Brasileiro em 15 de maio de 2001, no Capítulo dos Crimes contra a Liberdade Sexual, o delito de assédio sexual, com a seguinte definição: Artigo 216-A Código Penal.

Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função. Pena - detenção, de 1 (um) a 2 (dois) anos. § 2o A pena é aumentada em até um terço se a vítima é menor de 18 (dezoito) anos.

Já o Assédio Moral, embora tenha sido primariamente alvo de debates na esfera trabalhista, por ter estreita ligação com bases hierárquicas, também é um delito presente em relações que não estejam sob o viés hierárquico das relações de trabalho. O Código Penal brasileiro em seu artigo 203-A, traz a seguinte redação:

Praticar, reiteradamente, contra o trabalhador ato hostil capaz de ofender a sua dignidade e causar-lhe dano físico ou psicológico, prevalecendo-se o agente de sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes

ao exercício de emprego, cargo ou função. Pena – detenção, de um a dois anos e multa.

Damasceno. et.al (2012, p. 33) destacam que o assédio moral apresenta três aspectos: o ato, a reiteração e o sentimento de humilhação do assediado e conceituam o assédio moral no trabalho como: “condutas abusivas reiteradas que afetam o assediado de forma que este se sinta constrangido, humilhado”. Nesse aspecto, quando um indivíduo ou mais atentam de forma hostil, não ética e sistematicamente contra a moral e a dignidade de outrem, nesse tipo de assédio o agressor costuma de forma repetida subjugar, humilhar e constranger sempre com a intenção de atingir a dignidade da vítima. Sobre isso, Nunes, et.al (2013), relatam que alguns critérios caracterizam o assédio moral, tais como: intencionalidade, direcionalidade, frequência e duração.

O Assédio Psicológico é toda ação ou omissão destinada a degradar ou controlar as ações, comportamentos, crenças e decisões de outra pessoa, por meio de intimidação, manipulação, ameaça direta ou indireta, humilhação, isolamento ou qualquer outra conduta que implique prejuízo à saúde psicológica, à autodeterminação ou ao desenvolvimento pessoal. Leymann (1996, p. 172) afirma que tal fenômeno é “um conflito cuja ação visa à manipulação da pessoa no sentido não amigável”, Stocker e Dalmaso (2016, p. 5) conceituam o *Gaslighting* como sendo “violência emocional por meio de manipulação psicológica, que leva a mulher e todos ao seu redor acharem que ela enlouqueceu ou que é incapaz.” Essa forma de abuso, faz com que a vítima tenha suas emoções e sofrimento descredibilizados, fazendo com que a vítima passe a duvidar de si mesma e da própria realidade vivenciada.

Embora existam tipologias e subclassificações que delimitam o campo de ação de cada assédio, em um determinado contexto dessa violência, é comum observar a ação de mais de um tipo deles, onde um pode ter predominância de ação sobre o outro, mas sem deixar de coexistirem, nesse sentido, a vítima muitas vezes não consegue identificar o tipo de violência e os efeitos se entrelaçam.

2.2 Grupos de vulnerabilidade : ser mulher, negra e/ou LGBTQIAPN+ é risco para o assédio?

Apesar do Assédio atingir tanto homens quanto mulheres, notadamente os casos de assédio possuem estreita relação com o gênero feminino e essa condição é fomentada a partir do gênero enquanto constructo social. Joan Scott (1995, p. 86) define que “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos...o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.” Considerando a sociedade enraizada no patriarcado, a mulher, quando colocada em lugar de submissão em relação ao homem, culmina nas relações de poder que são basilares para sistemas de opressão e violência.

Ora, se a mulher é fraca e submissa, ela não pode confrontar um ataque a sua intelectualidade, questionar uma injustiça de trabalho, negar uma investida sexual... e são essas narrativas combinadas com o cruzamento de variáveis como raça e sexualidade que a coloca no centro das estatísticas de violência. Harding (1986, p.18) discute o conceito de intersecção entre raça e gênero e mostra como essas formas de dominação afetam de diferentes formas homens e mulheres, negros e brancos. “em culturas estratificadas tanto por gênero quanto por raça, o gênero é também uma categoria racial e a raça, uma categoria de gênero”.

Historicamente os estudos apontam que as mulheres e mulheres negras constituem grupo de vulnerabilidade para a violência, para se ter uma ideia, O IPEA-Atlas da Violência (2021) mostra que o risco relativo de uma mulher negra ser vítima de homicídio é 1,7 vezes maior do que o de uma mulher não negra, ou seja, para cada mulher não negra morta, morrem 1,7 mulheres negras. No tocante ao assédio, dados do estudo “ **Visível e Invisível: A Vitimização de mulheres no Brasil**” realizado pela Data Folha e Instituto AVON (2016), indicam que 40% das mulheres brasileiras já foram vítimas de alguma modalidade de assédio. Além do fator “sexo” ser determinante nas estatísticas, o estudo revela também que a etnia é condicionante de maior vulnerabilidade social e mostra que 32% de todas as mulheres que já foram vítimas de assédio, são negras. Sendo assim, gênero e raça não podem ser pensados separadamente em um contexto de violência, mas sim, de modo indissociável.

Sobre a violência de gênero dentro das IES, a pesquisa realizada em 2015 pela Data Popular e Instituto AVON intitulada de: “**Violência contra a mulher no ambiente universitário**”, aponta que 67% das mulheres entrevistadas quando apresentadas a uma lista de violências afirmaram já ter sofrido algum tipo de violência dentro da universidade, uma outra constatação é que apenas 2% dos homens entrevistados reconheceram espontaneamente ter praticado violência dentro da universidade.

A dominação do corpo por meio do assédio na sociedade, sobretudo dentro das IES coloca em evidência: mulheres, negras e /ou LGBTQIAPN+, como grupos de maior vulnerabilidade social para essa violência silenciosa e potencialmente fatal. Crenshaw, (2002) diz que a interseccionalidade entre dois eixos de subordinação agem como sistemas discriminatórios e criam desigualdades de posições relativas as mulheres, raças, classes e outras.

Rosa, et.al (2020) verificaram a percepção do Assédio moral e sexual relativo ao gênero dentro da UFRGS, e destacaram que, 51% das docentes, sendo 68% não heterossexuais e 56,5% pretas sofreram assédio moral e 14,1% das docentes, sendo 18,1% não heterossexuais e 11,5% pardas, sofreram assédio sexual. Já as discentes, 44,6%, sendo 50% não heterossexuais e 48% negras, sofreram assédio moral, e 16,5% das discentes, sendo 22% não heterossexuais e 13,5% negras, sofreram assédio sexual. Em todos os resultados da UFRGS, as mulheres, negras e não heterossexuais se sobrepõem às estatísticas masculinas, evidenciando as relações desiguais e violência de gênero presentes na sociedade.

Corroborando a isso, o Instituto Nacional de Geografia e Estatística (IBGE), com base na Pesquisa Nacional por amostra de domicílios (PNAD) realizada em (2021), que avaliou a **Vitimização: Sensação de Segurança da população brasileira**, indica que 20,2% das mulheres temem serem vítimas de agressão sexual. O estudo também aponta que há maior risco de vitimização de pretos e pardos, onde 13,3%, afirmaram ter medo de se tornar vítima de agressão sexual.

A partir de movimentos moralistas, neoconservadores anti-LGBTQIAPN+, com narrativas de ordem política, religiosa e social que instituem modelos de família e subjugam as diversidades sexuais e de gênero, esses grupos vivenciam vulnerabilidades específicas, e quando o assunto é violência, estes passam por cenários políticos que intensificam ainda mais suas trajetórias de exclusão. O Brasil foi palco para discursos homofóbicos reproduzidos por agentes da alta cúpula do Governo Federal, o Ex Presidente Jair Bolsonaro, em vídeo publicado no Youtube, em março de 2014, incitava a marginalização desses grupos: “se o filho começa a ficar assim, meio gayzinho, leva um ‘couro’ e muda o comportamento dele”. E

ainda completou: “Um garoto adotado por um casal homossexual, um careca e um bigodudo, qual vai ser o futuro desse garoto? A princípio vai ser homossexual também.”

Estudo de Malta, D.C.; et.al. (2022) , apontam que 15% da comunidade LGBTQIAPN+ relataram ter sofrido algum tipo de agressão. Segundo o estudo, as pessoas LGBTQIAPN+ têm três vezes mais chances de serem vítimas de violência física. Cerca de 14,7% informaram terem sofrido algum tipo desta violência, contudo, entre os heterossexuais, a parcela foi de 3,82%. No que diz respeito à violência sexual, Malta (2022), aponta que a possibilidade das pessoas LGBTQIAPN+ passarem por esse tipo de violência é quase cinco vezes maior (4,86%) que a de heterossexuais (0,68%).

2.3 A urgência do debate sobre o assédio no Ensino Superior

O ambiente universitário é local de formação de ideias e espaço de confronto crítico e de personalidades que habitualmente se transformam em atritos entre os indivíduos, no entanto, essas atitudes e conflitos que refletem a sociedade como um todo, não devem ser justificativas para comportamentos que atentem contra a dignidade humana.

Discutir o Assédio dentro do ambiente universitário não é uma tarefa fácil, este é um tema que aparece de forma muito discreta nos estudos e nas conversas casuais nos campus universitários , e tal fato pode estar intimamente ligado à ideia subjetiva de que o ambiente universitário é lugar de formação profissional técnica e que a relação professor/aluno, aluno/professor é tão somente, estritamente técnica e ética. Dessa forma , quando há rumores de que alguém vivenciou um assédio , logo o “murmurinho” se esvai e a situação é “abafada”, a menos que ganhe destaque midiático ou judicial . Sobre isso, Raminelli (2022) , pondera que o assédio dentro do ambiente universitário é marginalizado e não recebe a devida atenção para o seu tratamento e prevenção.

Portanto, falar sobre assédio é essencial, uma vez que as relações de ensino não se restringem somente à formação técnica, mas também humanizada, e adentra nas relações de sociabilidade e nos fenômenos resultantes dessas interações. O assédio tem seu espaço de criação e desenvolvimento nas mais diversas estruturas sociais, quando adentra em Instituições de Ensino Superior sob a proteção dos muros e ideologias institucionais atua de formas diversas onde os atores podem estabelecer ou não relação de hierarquia, Nunes (2011) afirma que embora as (IES) sejam centros de Ensino, Pesquisa e Extensão, estas também são ambientes onde se desenvolvem situações perversas que podem ser caracterizadas como Assédio Moral.

Sobre o Assédio Moral, Nunes, S. et al. (2013) , destacam que o assédio dentro do ambiente universitário tem motivação diversa daquele que acontece nas relações trabalhistas. Enquanto no trabalho tem como principal motivador a produtividade, na universidade, o principal motivador é a disputa de poder.

Porto (2017) analisa que a violência no ambiente universitário muitas vezes não é reconhecida como violência, pois há o respaldo no senso comum de que este é um lugar de pessoas privilegiadas intelectualmente, mas destaca que a invisibilidade da violência não impede que as consequências se estabeleçam na vida das vítimas . “O sofrimento psíquico, fruto do medo e do constrangimento, das mulheres que sofrem violência podem trazer sequelas, adoecimentos e a desistência de seguir estudando”.

A perpetuação do assédio na sociedade e nas (IES) tem motivadores característicos desse tipo de violência : o medo, o trauma , os danos na vida acadêmica e profissional foram citados no estudo de Rosa, et.al (2020) desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, sobre a **“Percepção de assédio moral e sexual relativo ao gênero na Universidade”** apontou que o assédio moral não é denunciado e que, a principal razão para não denunciar, é o receio de que o/a assediador/a interfira no processo acadêmico e, no caso do assédio sexual, pensar que não teria provas ou testemunhas. Sobre isso, Queiroz e Felipe (2018), corroboram dizendo que os possíveis motivos para as vítimas não realizarem as denúncias são, temor de perder o emprego (quando ocorrido em ambiente de trabalho), medo de sofrerem retaliações por parte do acusado, de serem rebaixadas, não querem se expor ao ridículo frente aos colegas, familiares e amigos(as), dificuldade de falar, e por acreditar que não há recursos para tratar de maneira eficaz o problema.

Diante da realidade observada, é inegável os crescentes casos de assédio nas universidades e a necessidade de entender o mecanismo de ação dessa violência no contexto universitário, uma vez que, tal problemática impacta a saúde e o pleno desenvolvimento acadêmico dos indivíduos.

3 MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa é caracterizada como do tipo descritiva, exploratória, de corte transversal, com abordagem quali-quantitativa. A população foi composta pela totalidade dos estudantes de graduação dos Cursos de Licenciatura em Educação Física e Bacharelado em Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba. A amostra foi composta por 87 estudantes respondentes. A coleta dos dados foi aplicada na Universidade Estadual da Paraíba no Departamento de Educação Física, localizado no Campus I, na cidade de Campina Grande-PB.

O instrumento utilizado foi um questionário online , produzido na plataforma Google Forms, com base no estudo realizado por Rosa et al, (2020). O questionário teve 40 perguntas, sendo 37 perguntas objetivas e 3 perguntas dissertativas. Para o envio foi utilizado o e-mail institucional dos estudantes, como forma de manter o sigilo e a privacidade dos participantes. O critério de inclusão foi a matrícula regular do estudante e e-mail institucional ativo no período letivo 2022.2.

A geração de dados foi realizada, inicialmente, através da apresentação da pesquisa, seus objetivos e procedimentos metodológicos, bem como a importância da participação dos alunos; a autorização através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de cada participante para, posteriormente, os participantes responderem aos questionários.

Os dados foram armazenados em um banco de dados do próprio Formulário Google e, posteriormente, analisados, através da estatística descritiva, análise textual e medidas de comparação intra-grupos com a utilização do programa editor de dados do IBM SPSS Statistics, versão 29.0. A pesquisa seguiu a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde como normativa para pesquisa com seres humanos, sendo submetida ao Comitê de Ética da Universidade Estadual da Paraíba e aprovada com o CAAE: 59397922.8.0000.5187

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Mapa sociodemográfico do assédio no DEF/UEPB

Ao nos prepararmos para ir à universidade, colocamos nossa roupa mais confortável, arrumamos o cabelo, pegamos cadernos e livros, mas nunca nos preparamos para ser vítima de assédio. A violência muitas vezes nos pega de surpresa, mas uma vez que se manifesta, não deve ser negligenciada, mas sim investigada e combatida.

O Assédio é uma realidade no DEF/UEPB e pode se manifestar de diversas formas no ambiente universitário, algumas vezes de forma sutil ou sob o disfarce de “brincadeira”, mas sempre de forma reiterada contra a vítima e de impactos negativos inquestionáveis para a vida acadêmica e profissional dos envolvidos.

Para compreender o mecanismo de ação do assédio no DEF/UEPB, o estudo sociodemográfico, diz qual é o perfil dos estudantes do departamento: os alunos são compostos em sua maioria na faixa etária entre 17 a 28 anos, há diversidade de raça e gênero, sendo a maioria autodeclarada heterossexual.

Tabela 1- Resultados sociodemográficos na amostra total, masculino e feminino

Variáveis	Total		Masculino		Feminino	
	n	%	n	%	%	
Identidade Sexual	87	100	40	4,0	46	52,9
Faixa etária						
De 17 a 22 anos	46	52,9	18	45,0	27	58,7
De 23 a 28 anos	28	32,2	14	35,0	14	30,4
De 29 a 34 anos	10	11,5	6	15,0	4	8,7
De 35 a 40 anos	2	2,3	1	2,5	1	2,5
Raça						
Amarela	3	2,3	1	2,5	2	4,3
Branca	37	43,7	19	47,5	18	39,1
Parda	39	44,8	16	40,0	23	50,0
Preta	8	9,2	5	12,5	3	6,5
Orientação sexual						
Bissexual	11	12,6	3	7,5	8	17,4
Heterossexual	71	82,8	34	85,0	37	80,4
Homossexual	4	4,6	3	7,5	1	2,5
Religião						
Acredita em Deus, mas sem religião	18	20,7	7	15,5	11	23,9
Católica	40	46,0	19	47,5	21	45,7
Cristã	11	12,6	4	10,0	7	17,2
Espírita/kardecista	1	1,1	-	-	1	2,2
Evangélica	8	9,2	5	12,5	3	6,5
Nenhuma ou ateísmo	4	4,6	2	5,0	1	2,2
Protestante	3	3,4	1	2,5	2	4,3
Afro-brasileira	1	1,1	1	2,5	-	-
Pagãs-neopagãs	1	1,1	1	2,5	-	-

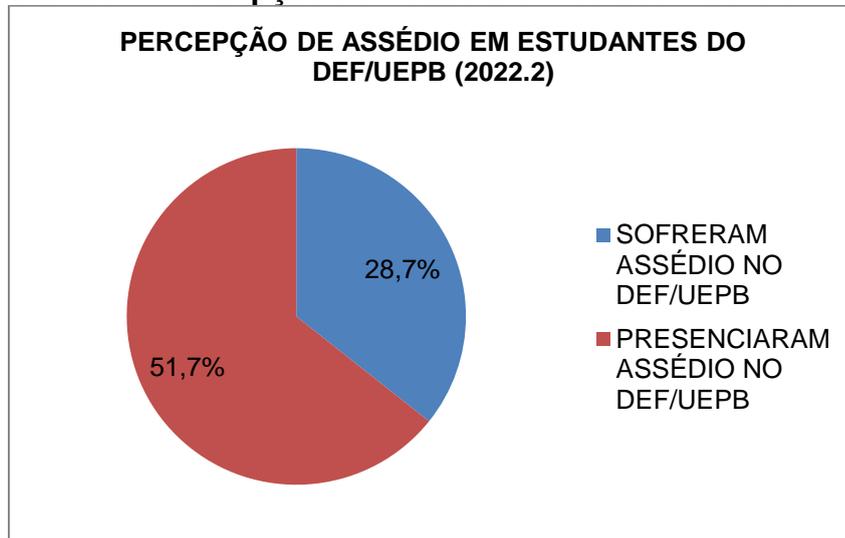
Fonte: Elaborada pela autora (2023)

Tratar sobre a temática de Assédio nunca é fácil, pois é uma violência que muitas vezes agride o corpo e a alma, reviver a dor é traumático e portanto angariar pessoas dispostas a contar suas experiências é um desafio. Para entender os números e a dinâmica do assédio dentro da universidade convém mensurar que dos 87 estudantes entrevistados 71,% foram vítimas de assédio fora do âmbito acadêmico, indicativo de que o assédio é expressivo na sociedade e que não deve

ser negligenciada a existência desses comportamentos dentro das Instituições de Ensino Superior. Se há comportamentos de risco lá fora, e para eles temos aplicadores de leis, o que nos leva a crer que não é preciso investigar tal fenômeno dentro da universidade?

Trazendo à luz o assédio no Departamento de Educação Física da UEPB, dentre os 87 estudantes entrevistados, 28,7% disseram ter sofrido Assédio no DEF/UEPB e 51,7% disseram ter presenciado algum tipo de assédio à terceiros, esse cenário mostra que mesmo quando você não é o alvo primário da violência, alguém próximo pode estar precisando de orientação e acolhimento.

Gráfico 1- Percepção de Assédio em estudantes do DEF/UEPB



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Para compreender o *modus operandi* do assédio no DEF/UEPB, buscou-se identificar o perfil sociodemográfico relativo à assédio em estudantes, para tanto, dos 87 estudantes entrevistados, 28,7% que disseram ter sofrido assédio no DEF, as faixas etárias mais expressivas foram entre 17 a 22 anos que representou percentual de vitimização de 23,9% e de 23 a 28 anos 35,7%, o que mostra alto índice de vitimização da classe estudantil jovem, e isso condiz com o público alvo do curso de Educação física da UEPB que em sua maioria é relativamente jovem.

No que se refere à raça, os índices de vitimização atingem tanto pessoas brancas 28,9% quanto pardos e pretos que somados representam 54%, com destaque nesse estudo, para maior vitimização de pretos e pardos, tendência também observada no estudo de Rosa, et.al (2020) onde relatam que as pessoas negras da UFRGS tem maior percentual de assédio se comparado as outras categorias investigadas, tal problemática encontrada nessas duas realidades, aponta para a reprodução da violência estrutural racista que é percebida nas outras áreas sociais, dentro da universidade, e tal constatação nos infere que independentemente da localização geográfica das universidades no país, os problemas relativos à violência e assédio, são semelhantes.

Quanto à religião, o perfil dos estudantes vítimas de assédio apresentaram números mais expressivos entre os católicos, totalizando 25%, apesar de outras religiões terem sido mencionadas. Quanto à orientação sexual, dos estudantes que disseram ter sofrido assédio, 29,2% afirmaram ser heterossexuais e 36,4% bissexuais. A liberdade sexual ainda é um tabú na sociedade brasileira contemporânea, muitas vezes excluída, e marginalizada sob fundamentos religiosos,

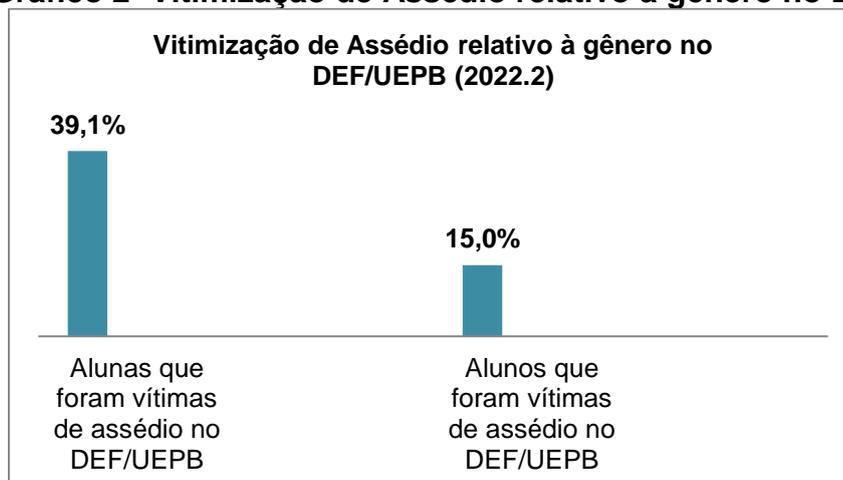
moralistas, médicos, sociais e políticos o assediador encontra na orientação sexual do outro, o ponto fraco para atacá-lo, oprimir e perseguir.

Ainda que os heterossexuais representem a maioria das vítimas neste estudo, o que apenas corrobora para o fato de que a maioria do público do curso investigado é composta por eles, deve-se considerar a bissexualidade, a homossexualidade e afins como fatores de vulnerabilidade social para o assédio dentro e fora do âmbito acadêmico, pois tais condições contrariam a noção de modelo único de família cis, heterossexual e biparental historicamente impostos no país. Rosa, et.al.(2020) levantaram na UFRGS, que pessoas bissexuais foram mais assediadas se comparadas as demais orientações sexuais, comparado à isso, o IPEA- Atlas da Violência (2021), demonstrou que durante a juventude, há maior vulnerabilidade para a violência de pessoas homossexuais e bissexuais, se comparado os heterossexuais. Segundo o IPEA, enquanto jovens heterossexuais compõem 44,6% das vítimas heterossexuais de violências registradas, bissexuais correspondem a 59,5% das vítimas, e homossexuais a 44,7% das vítimas.

A questão de gênero nos casos de assédio no DEF/UEPB evidencia que o assédio, muito embora tenha relação direta com o gênero, não é uma prática que vitimiza exclusivamente as mulheres, mas sobretudo elas, e tal constatação fomenta a noção dos padrões de gênero e relações de poder nas (IES). No DEF, o assédio é experienciado por homens e mulheres, de diferentes faixas etárias, raça, religião e orientação sexual, no entanto, a tendência observada no mundo à fora de vitimização e vulnerabilidade das mulheres para à violência, também foi observada na dinâmica do assédio no DEF, os números indicam que as estudantes mulheres representam 39,1% das assediadas em detrimento de 15,0% dos homens assediados.

A realidade sugere que a violência de gênero construída ao longo da história, presente nas demais áreas sociais, vem sendo reproduzida e perpetuada no DEF/UEPB. Corroborando a isso, Garcia, (2016) ; Rosa, et.al. (2020) identificaram em seus estudos nas UFRJ e UFRGS , respectivamente, que as mulheres são grupos de maior vitimização para o assédio, ou seja, tal realidade aponta que para o enfrentamento da violência de gênero é preciso reconhecer que os discursos dos padrões de gênero servem de base cultural para o desenvolvimento das relações de hierarquia e superioridade nas (IES), relações essas que se apresentam como um dos requisitos para que ocorra o assédio.

Gráfico 2- Vitimização de Assédio relativo à gênero no DE

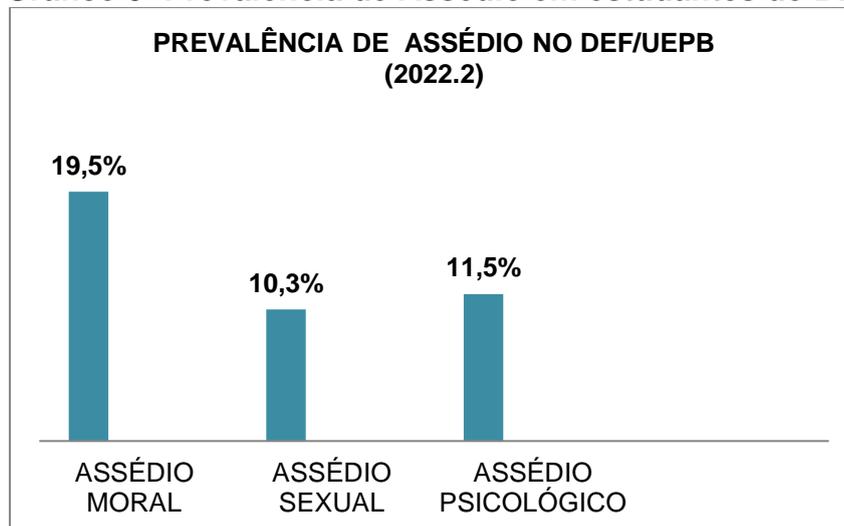


Fonte:Elaborado pela autora (2023)

4.2 Características do assédio em estudantes do DEF/UEPB

Não basta saber que o Assédio está presente e produz vítimas na rotina acadêmica do DEF, é preciso agora identificar suas formas e modo de ação nos grupos investigados. Questionados sobre o tipo de assédio que sofreram, 19,5% dos estudantes citaram o assédio moral como forma mais prevalente, em detrimento do assédio sexual e o assédio psicológico. A incidência do assédio moral no Departamento, presente nas relações de ensino/aprendizagem e sociabilidade, alerta para a discussão de que o assédio moral deixou de ser uma problemática atribuída apenas as relações de trabalho, onde inclusive, no passado, originou a criação de leis para assédio no ambiente de trabalho. Na atualidade, o assédio passa a ser observado de forma significativa em outras estruturas sociais, como a universidade, e portanto carece de investigação e aplicadores de leis nesse nicho. A importante presença do assédio moral no DEF, coincide com dados apresentados no estudo de Rosa, et.al. (2020) e Garcia (2016) que indentifica o assédio moral como forma mais atuante de assédio em professores e alunos .

Gráfico 3- Prevalência de Assédio em estudantes do DEF/UEPB



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Vale mencionar que, ainda que sejam práticas que podem ocorrer separadamente, habitualmente podem se entrelaçarem e ocorrerem simultaneamente. Nesse sentido, é comum que a pessoa que sofreu algum tipo de assédio não saiba identificar com exatidão a tipologia da violência sofrida, ora por desconhecimento das ações que qualificam assédio moral, sexual, psicológico, ou pela perigosa naturalização social desse fenômeno.

Questionados sobre quem são as pessoas que mais assediam os alunos no DEF, o Assédio Vestical Descendente, aquele que ocorre de professor para aluno, foi a forma mais relatada. Nesse quesito, dois resultados chamam a atenção: 13,8% dos assediadores são professores do departamento, 2,3 % professores vindos de outros departamentos. Mesmo não havendo relação concreta de hierarquia como existe entre chefes de empresas e funcionários, o trabalho acadêmico permite a autonomia didática do professor e a posição de locutor, onde quase sempre, comanda os tópicos discursivos em sala de aula. Esse modelo de

educação, não é exclusivo, mas ainda é vigente. Santos (1999), enfatiza que tal sistema de educação adotado no Brasil, apresenta, muitas vezes, o professor como agente exclusivo e direcionador do saber, além de responsável pelo controle da interação em sala de aula. Nesse sentido, a relação assimétrica estruturada na dominação de poder professor /aluno, pode ser um condicionante para os confrontos comportamentais e a incidência de assédio vertical descendente no Departamento.

Um achado preocupante, é que 8,0% do perfil de agressores contra estudantes no DEF, são pessoas externas ao DEF, ou seja, pessoas que não tem vínculo empregatício ou estudantil com o DEF, mas frequentam e tem acesso às áreas livremente. Tal dado, infere sobre a qualidade das políticas de controle de acesso à universidade e ao departamento, todos entram e saem sem nenhuma forma de identificação, o que dificulta a investigação e a punição em casos de violência ocorrida dentro do âmbito acadêmico.

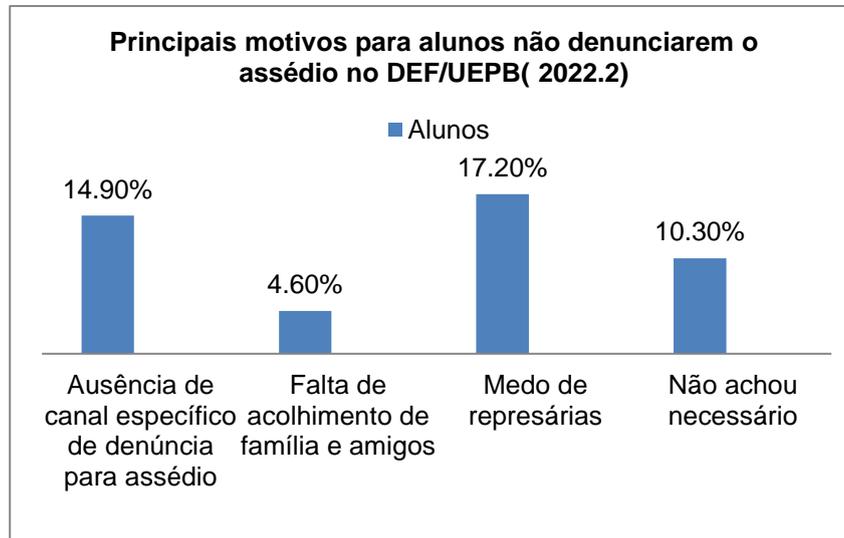
Outra característica importante do assédio no DEF foi quanto ao ambiente mais propício para o assédio em estudantes, diante de uma lista de ambientes que fazem parte da estrutura do departamento como: piscina pedagógica, quadra esportiva, lanchonetes, sala de musculação, local de gestão administrativa e salas de aula. 20,7% dos estudantes afirmaram ter sofrido assédio em sala de aula, 11,5% nos corredores e 4.6% na quadra, piscina e sala de musculação, 2,3% local de gestão. Os dados apontam para o ambiente tradicional de sala de aula como sendo o mais propício para o assédio em estudantes, ainda que existam outros ambientes de socialização no Departamento.

Sobre a formalização da denúncia, 100% dos entrevistados que sofreram assédio, afirmaram não ter feito denúncia formal na UEPB, e apenas 11,5% citaram os meios informais como a família e amigos como principais vias de comunicação para contar sobre a violência sofrida. Os motivos que levam as vítimas a não denunciarem os casos de assédio, são variados e reveladores das subnotificações dos casos de assédio no ambiente acadêmico, tais motivos podem estar amparados na descrença nos sistemas de punições do âmbito administrativo da própria instituição, ou ainda envolverem questões da esfera emocional e/ou cultural da vítima.

Questionados sobre os principais motivos para não denunciarem o assédio sofrido, 17,2% dos estudantes citaram o “medo de represálias por parte do assediador” que ainda se encontra em atividade laboral ou estudantil no departamento, ou seja, a própria presença do agressor é intimidatória e afeta a decisão de denúncia, esse dado traz à luz a impunibilidade dos agressores e a banalização do assédio, o que nos leva a questionar se a universidade tem plano de ação para enfrentar essa violência.

Outra constatação importante é que 14,9% dos estudantes indicaram a “ausência de canal de denúncia específica para assédio no DEF” como motivo para não denunciar, uma vez que toda e qualquer denúncia referente as questões acadêmicas tem como primeiro meio de comunicação formal, a ouvidoria geral da UEPB ou as coordenações de cursos e departamentos. Chamou à atenção para o fato de que 10,3% dos alunos citaram como motivo para não denunciar o item “ não achar necessário”, essa noção de normalização e banalização da violência pode estar relacionada à fatores culturais, políticos, sociais e impactam diretamente nas políticas de ação contra o assédio, uma vez que, resultam em subnotificações e retardamento para a devida identificação da violência e os agentes envolvidos.

Gráfico 4- Principais Motivos para os Estudantes do DEF não Denunciarem o Assédio



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

A ausência das formalizações das denúncias para os casos de assédio no DEF/UEPB é um demonstrativo preocupante da incredulidade nos sistemas punitivos somado à pouco conhecimento acerca da importância da denúncia como medida de combate à violência. A realidade encontrada na UEPB também foi observada no estudo de Rosa, et.al.(2020) onde 12,7% dos docentes e 7,51% dos discentes que sofreram assédio moral não denunciaram, e os números ficaram ainda menores para assédio sexual, 6,49% docentes e 7,41% discentes, afirmaram não denunciar. Os autores também afirmam que a principal razão para as vítimas não denunciarem o assédio moral é ter receio de que o/a assediador/a interfira no processo e, no caso do assédio sexual, a vítima costuma pensar que não teria provas ou testemunhas.

Nunes, T. S. Tolfo, S. R.(2013, p. 5) também corroboram com seus estudos, onde 64,9% dos entrevistados afirmaram não terem denunciado o assédio sofrido e a sensação de impotência pode ser justificada pela “ineficiência organizacional perante a resolução de casos de violência física ou psicológica, bem como pelo corporativismo interno que pode ocorrer, onde quem faz parte do grupo é protegido”. O corporativismo manifestado em amizades, articulações políticas, tempo de trabalho, parcialidades e etc, que muitas vezes beneficia o agressor, pode ser um dos principais combustíveis para o medo de represálias citados pelos estudantes vítimas de assédio no DEF/UEPB.

Diante das evidências, é inquestionável a crescente do assédio dentro da Universidade e munidos desse reconhecimento de campo, é urgente a ação de medidas de combate no âmbito administrativo da UEPB. Tolfo (2015) esclarece que as intervenções para o combate ao assédio devem eliminar os riscos, promover formas de lidar com o risco e disponibilização de mecanismos para que a vítima possa se defender e cuidar da saúde emocional, como por exemplo: grupos de acolhimento e atenção primária.

A título de exemplos: A UNICAMP, criou o Serviço de Atenção à Violência Sexual (SAVS), responsável por acionar setores especializados da Unicamp e, de acordo com as especificidades de cada caso, oferecer orientação e acolhimento às

vítimas. Já a UFAC, UFAL, USP e UNESP criaram cartilhas que trazem uma série de informações e atuações perante as situações de assédio.

Diante dos argumentos supracitados, observou-se, os grupos envolvidos, as classificações, as especificidades de ação em cada grupo e os importantes motivadores que impedem a formalização de denúncias na UEPB, tais motivos estão intimamente ligados à ausência de acolhimento institucional, fator que é decisivo para a promoção da segurança e crença no ensino superior, como meio de transformação cultural e de respeito a dignidade humana.

4.3 Vozes dos corpos assediados

A violência sangrenta, aquela que é mais facilmente identificada, é percebida nos contos literários religiosos, como a história de Caim e Abel, é contada nos jornais diariamente e é vista nas ruas das favelas e condomínios de luxo... A violência que sangra, que ceifa a vida, antes de fazê-la, é a matéria prima da violência silenciosa, aquela que não deixa rastro de sangue, mas deixa rastro de dor e sofrimento. É urgente reconhecer o assédio nas Instituições de Ensino Superior e dar atenção aos impactos dessa violência no plano de vida e acadêmico das vítimas. Lima, et.al. (2020) relatam que 36% das pessoas que sofreram violência no ambiente universitário, já deixaram de fazer alguma atividade na universidade por medo de sofrer violência.

Outros estudos também referem comprometimento à saúde física e emocional dos discentes, em seu cotidiano universitário: Ansiedade, depressão e comportamento suicida são os três maiores problemas de saúde mental entre universitários que vivenciaram violência (Assari & Lankarani, 2018; Pedrelli et al., 2015). Sentimentos de rebaixamento da auto estima e intenso estresse, também, foram apresentados em estudo com acadêmicos do curso medicina (Peres et al., 2014).

Diante da importância do tema, dar voz para aqueles que de alguma forma foram prejudicados é necessário. Quando questionados sobre as consequências do assédio sofrido para a vida acadêmica e no cotidiano, os estudantes relataram que houve mudanças de comportamentos sócio afetivos e nas decisões de rotinas diárias no âmbito acadêmico, tais como: evitavam transitar no Departamento em lugares comuns; evitavam socialização com seus pares; relataram mudanças no estilo de roupa para evitar olhares e/ou comentários indesejados sobre seus corpos. Com a palavra, os estudantes:

Passei a utilizar roupas largas principalmente blusas com tamanho maior que o meu para disfarçar as curvas corporais e mudar as rotas (evitar os locais em que o assediador frequentava). No outro ocorrido, após diversos comentários pesados sobre eu não alcançar o nível do desenvolvimento da atividade esperado, recebi uma enorme torrente de comentários negativos e que me fizeram por anos duvidar da minha capacidade acadêmica, partindo disto passei a evitar contato direto ou indireto, permanecendo mais em sala de aula mesmo quando não havia aula. (Relato anônimo)

Após a ocorrência, passei a evitar todo e qualquer tipo de contato extra sala de aula com o indivíduo, assim como, passei a não circular sozinha pelas dependências do DEF. (Relato anônimo)

Devido ao assédio e a exclusão que sofri no Departamento acabei desistindo de treinar musculação, eu não queria que meu corpo chamasse tanto a atenção das pessoas, não queria que olhassem ou falassem da

minha bunda, parei de usar shorts pois não me sentia tão confortável (Relato Anônimo)

Interferiu na maneira como trato os colegas, me fechei mais .(Relato anônimo)

Fiquei mais tímida para ajudar ou participar das aulas, comecei a sentar mais atrás. (Relato anônimo)

Fiquei com medo de vir assistir as aulas e ocorrer novamente (Relato anônimo)

4.4 Sugestões da comunidade acadêmica estudantil para o combate ao assédio

Questionados sobre como a instituição poderia prevenir ou inibir as práticas de assédio, com base nas narrativas, foram indicadas como sugestões para um ambiente mais acolhedor e menos propício as práticas de assédio: medidas de intervenção voltadas para a promoção de campanhas educativas e de combate contra o assédio, com alvo para toda a comunidade acadêmica; organização no âmbito das políticas administrativas, com atenção para meios especializados de denúncias, sendo também sugerido, por uma maioria dos entrevistados, medidas como punições e advertências contra os praticantes de eventos violentos. Abaixo seguem, na íntegra , algumas das sugestões:

Criar canais de comunicação e acolhimento específico para assédio, seriedade e imparcialidade na investigação, bem como melhor preparo na condução em diversas etapas do processo. Transparência dos casos existentes na universidade. Campanhas para ampliar o conhecimento sobre o tema e espaços de acolhimento profissional para estudantes, professores, servidores e pessoas que acessam os serviços e projetos de extensão, na universidade. Incluir em documentos da universidade políticas de combate aos diversos tipos de assédio.

Conscientização da denúncia e utilizar os meios jurídicos necessários para, no caso de haver provas e testemunhas, punir o assediador.

Creio que a conscientização é o caminho, realizar palestras para os professores sobre quais tipos de condutas acadêmicas não ter com alunos, principalmente em relação ao conhecimento. Creio que está é uma forma de aumentar a humildade. Em relação aos assédios de cunho sexual, acredito que se for criado um documento com punições e um sistema de ouvidoria para cada Centro, talvez quem for assediado consiga se sentir melhor em denunciar.

Falando mais sobre o tema e dando as devidas punições para quem pratica tal ato e são denunciados. Além de um canal que seja unicamente voltado para esse fim.

Aumentar a ouvidoria de forma que os membros da instituição (todos os indivíduos que fazem parte do Departamento de Educação Física e pessoas que o visitam) se sintam acolhidos para denunciar e realizar uma reforma na política de segurança, assim como, realizar palestras para conscientizar-nos cada vez mais sobre o tema.

Promovendo palestras, oficinas, espaços para que se debata acerca do assunto e torne um ambiente acessível para denúncia, incentivando cada vez mais a denúncia caso haja assédios, e também promovendo o conhecimento acerca do que é assédio para melhor identificação.

5 CONCLUSÃO

A violência interpessoal presente no Departamento de Educação Física da UEPB é uma amostra de processos socioculturais e merece atenção, uma vez que impacta a saúde e o pleno desenvolvimento humano e acadêmico dos indivíduos. A pesquisa comprovou a existência da prática de vários tipos de assédio em estudantes, do DEF/UEPB, com maior prevalência de assédio moral e que não existe relação fixa de hierarquia para as ações de assédio, podendo ocorrer de professor para aluno, de aluno para professor e entre pares.

Ficou evidente que, apesar do assédio vitimizar tanto homens quanto mulheres, no Departamento há maior vulnerabilidade das mulheres para este tipo de violência. A sala de aula tradicional parece ser o local onde, os estudantes se sentem mais abordados, e um achado importante, é a ausência da denúncia; e os principais motivadores alegados pelos estudantes como: medo, principalmente de represálias ou percepção de impunidade, o que leva à subnotificação e, conseqüentemente o silenciar das vozes; e a tendência a não achar necessário fazer a denúncia; bem como a ausência de acolhimento institucional.

As marcas persistem, onde o abalo à saúde psicológica traz efeitos diversos na vida pessoal e acadêmica. Desse modo, a instituição deve prover meios institucionalizados para o combate do assédio, em âmbito administrativo, e acolhimento às vítimas com adequado acompanhamento psicológico e de segurança. Para tanto, é necessário que haja maiores investimentos administrativos na UEPB, formação de comissão específica para receber, analisar e encaminhar os processos para os devidos trâmites. É preciso que a universidade se coloque com assertividade e responsabilização na punição dos agressores.

É necessário também que toda a comunidade acadêmica tenha acesso à informação sobre a temática, nos diversos meios de comunicação da Instituição, bem como, campanhas educativas em salas de aula, eventos, cartilhas para que todos possam identificar os tipos de práticas de assédio e conhecer os meios para denúncia. Só assim a Instituição oferecerá estímulos de transformação cultural, de igualdade de gênero, equidade e respeito incondicional às diferenças e a dignidade humana e, sobretudo o repúdio à violência.

REFERÊNCIAS

ASSSARI, S. & Moghani Lankarani, M., (2018). **Violence exposure and mental health of college students in the United States**. Behavioral Science, 8(6), 53.

BEZERRA, A.C., **O crime de assédio no âmbito das instituições de ensino superior**. 2018.

BRASIL. Lei nº 10.224 de 15 de maio de 2001. Altera o Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, para dispor sobre o crime de assédio sexual e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília.

BOLSONARO: “ter filho gay é falta de porrada!”. [S. l.: Pragmatismo], 2014. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal Pragmatismo. Disponível em: <https://bit.ly/3MYmDkg>. Acesso em: 9 jul. 2023.

CERQUEIRA, Daniel Atlas da Violência 2021 / Daniel Cerqueira et al., — São Paulo: FBSP, 2021.

CECÍLIO, L.P.P., et al. **Violência interpessoal: estudo descritivo dos casos não fatais atendidos em uma unidade de urgência e emergência referência de sete municípios do estado de São Paulo, Brasil, 2008 a 2010.** 2012.

COSTA, A. A. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres.** Núcleo de Estudos.2008.

CRENSHAW, K. W. “Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero,” Revista Estudos Feministas 10 (2002): 177.

DATA POPULAR; INSTITUTO AVON. **Violência contra a Mulher no Ambiente Universitário.** São Paulo , 2 0 1 5 . Disponível e m : <https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2015/07/Pesquisa-Instituto-Avon_V9_FINAL_Bx-2015-1.pdf >. Acesso em: 09 de abril de 2023.

DATA FOLHA; INSTITUTO AVON. **Visível e invisível: a Vitimização de mulheres no Brasil.** São Paulo, 2016. Disponível em :< <https://dssbr.ensp.fiocruz.br/visivel-e-invisivel%E2%80%8B-a-vitimizacao-de-mulheres-no-brasil/>> Acesso em: 03 de abril de 2023.

DAMASCENO,T. ; ALEXANDRE, J. ; ANDRIOLA, W. **O conceito de Assédio Moral em Instituições de Ensino Superior (IES) sob a ótica dos servidores públicos: o caso dos técnicos administrativos da Universidade Federal do Ceará (UFC).** 2012.

GARCIA, Diego Felipe Muniz; SILVA JUNIOR, Jonas Alves da. **Assédio, abuso e violência sexual contra a mulher nas universidades: quem é o verdadeiro culpado?**. In: Seminário Internacional Inclusão em Educação: universidade e participação, inclusão, ética e interculturalidade. 4. 2016, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016. p.45-51.

HAILE, V.O. **Assédio e o Abuso no Ensino Superior: das agressões à omissão institucional.** 2021.

HARDING, S. The science question in feminism. Milton Keynes. Open University Press, 1986.

HOUAISS, Antonio e VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001

IBGE- INSTITUTO NACIONAL DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, **Censo 2021**. Vitimização:Sensação de Segurança 2021. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

LEYMANN, H. **The content and development of mobbing at work**. European Journal of Work and Organisational Psychology, 5(2), 165-84. 1996.

LIMA, R. R., et al. **Violência contra as mulheres na universidade: uma discussão silenciada**. 2020.

MALTA,D.C.; et al. **Violência contra pessoas LGB+ no Brasil: análise da Pesquisa Nacional de Saúde, 2019**. 2020.

MINAYO, M.C.S. **Violência sob a perspectiva da saúde pública**.2006.

NUNES, T. S., et al. **Assédio moral em universidade: A violência identificada por servidores docentes e técnico- administrativos** .Revista Organizações em Contexto, vol. 9, n. 18, pp. 25-61, jul/dez. 2013.

NUNES, T.S., TOLFO.S.R. **Assédio moral na universidade: As possíveis consequências em comentar e/ou denunciar a violência**.2013.

PERES, M. F. T., Barreto, A. D. L., Babler, F., Quaresma, I. Y. V., Arakaki, J. M. L. & Eluf-Neto, J., (2014). Exposição à violência, qualidade de vida, depressão, e burnout entre estudantes de medicina em uma universidade estadual paulista. Revista de Medicina, 93(3), 115-2.

PEDRELLI, P., Nyer, M., Yeung, A., Zulauf, C. & Wilens, T., (2015). College students: mental health problems and treatment considerations. Acad. Psychiatry, 39, 503–511.

PORTO, Madge. **O enfrentamento da violência no ambiente universitário: uma experiência na Ufac**. In Mulheres e violência: interseccionalidades, p. 400-411.Brasília: Technopolitik, 2017.

QUEIROZ, Fernanda Marques de; FELIPE, Joana D’arc Lacerda Alves. Relações patriarcais de gênero e assédio moral contra mulheres no mundo do trabalho. In: QUEIROZ, Fernanda; CISNE, Miria; GURGEL, Telma (Org.). **Feminismo e serviço social: debates contemporâneos**. Mossoró-RN: EDUERN, 2018.

ROSA, B. S. et. al. **Percepção de assédio moral e sexual relativo a gênero na Universidade**.2020.

RAMINELLI, P.F. **O Assédio moral no Ensino Superior** . Revista de Pesquisa e Educação Jurídica, Vol.8, n.01, PP 23-36, jan/jul. 2022.

SÁ, B.S., et al. **Assédio sexual: O poder do macho na universidade**.2017.

SANTOS. O.F.M. **As relações de poder na interação professor/alunos, em contexto universitário- Uma amostragem**. 1999.

SAYURI, J.; SICURO, R. Abusos no Campus. **The Intercept Brasil**, 10 de dez. de 2019. Disponível em: «<https://theintercept.com/2019/12/10/mais-de-550-mulheres-foram-vitimas-de-violencia-sexual-dentro-de-universidades/>» Acesso em: 11 de abril. 2023.

SCOTT, J. Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica. *Educação e Realidade*. 20 (2), p.71-99, 1995.

STOCKER, Pâmela Caroline; DALMASO, Silvana Copetti. **Uma questão de gênero: ofensas de leitores à Dilma Rousseff no Facebook da Folha**. Disponível em . Acesso em: 01 junho 2023.

TOLFO, S. R.; OLIVEIRA.R.T. **Assédio moral no trabalho:Características e intervenções**. 2015.